

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MICHEL DELFIM FRANCO WEINSCHENKER

A Rússia e a ultradireita europeia no século XXI: afinidades antidemocráticas e anti-ocidentais

SÃO PAULO
2024

A RÚSSIA E A ULTRADIREITA EUROPEIA NO SÉCULO XXI: AFINIDADES ANTIDEMOCRÁTICAS E ANTIOCIDENTAIS

MICHEL DELFIM FRANCO WEINSCHENKER¹

RESUMO: A partir de revisão de literatura académica e análise de discursos e posições, buscar analisar e compreender de que forma se dão as relações entre a Rússia governada por Vladimir Putin e os partidos da ultradireita na Europa no século XXI, analisando as motivações por trás de tais parcerias, os objetivos estratégicos em comum, bem como a forma como tal parceria se efetiva na prática.

Palavras-chave: ultradireita; hegemonia; autoritarismo; populismo

ABSTRACT: Based on a review of academic literature and analysis of speeches and positions, we seek to analyze and understand how relations occur between Russia governed by Vladimir Putin and ultra-right parties in Europe in the 21st century, analyzing the motivations behind such partnerships, the common strategic objectives, as well as the way in which such partnership is effective in practice.

Keywords: Ultra-right; Hegemony; Authoritarianism; Populism

¹ Graduando em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
micheldfweins@gmail.com. RA:00240940

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 4
CAPÍTULO 1 – Por que a Rússia?.....	p. 7
CAPÍTULO 2 – Estratégias de aceno.....	p. 16
CAPÍTULO 3 – Efetivação das relações.....	p. 18
CONCLUSÃO.....	p. 27
REFERÊNCIAS.....	p. 28

Introdução

A presente pesquisa tem a intenção de entender de que forma se articulam os interesses e como se dão as relações entre dois atores em ascensão no cenário geopolítico atual: de um lado, a Rússia, sob a liderança de Vladimir Putin, que volta a emergir como potência militar, principalmente desde a intervenção na Crimeia em 2014 e a invasão do território da Ucrânia em 2022, e vem se apresentando como uma alternativa em relação à liderança unipolar ocidental no cenário geopolítico mundial, e do outro, os partidos e lideranças da direita radical na Europa, um ator que cujo crescimento na última década vem chamando bastante atenção na mídia e na opinião pública (não apenas na Europa, mas no Brasil, nos EUA, na Índia, e outros lugares), desafiando o establishment político dos países europeus com seu discurso populista e propondo uma agenda de reação à imigração crescente (principalmente a proveniente do mundo muçulmano) e à agenda progressista nos costumes e na moral, além do questionamento à necessidade da União Europeia. O fato é que em diversos lugares da Europa, tais como a Hungria, a França, a Alemanha, os partidos dessa linha apresentam grande proximidade política com Putin (embora em outros países, como Polônia e Itália, a mesma coisa não ocorra). Diante disso, a pergunta pela qual a pesquisa pretende se direcionar é: de que forma ocorre a articulação entre a Rússia de Putin e a direita radical europeia? Quais interesses e projetos têm em comum, motivando tal aproximação? Em que sentido ambos os atores apresentam um desafio à ordem unipolar vigente? Quais as aproximações ideológicas entre eles?

O tema, atualmente, se apresenta de forma bastante importante, uma vez que, não bastando sua mera proximidade, esta está inserida de transição hegemônica no cenário global geopolítico, processo no qual ambos, em ascensão, constituem atores de destaque. Além disso, tal transição pode significar de certa forma,

também, novas opções políticas e sociais para o mundo contemporâneo, com tais atores criticando e colocando em choque alguns consensos vigentes. Então, o entendimento da relação da direita radical europeia com a Rússia putinista é fundamental para a compreensão do próprio mundo de hoje.

O método para a presente pesquisa será a revisão da literatura acadêmica já produzida sobre o tema das relações da Rússia sob o regime de Vladimir Putin e a ultradireita europeia, tanto a bibliografia que tem crescido sobre o tema da direita radical e extrema-direita na Europa, como também as fontes desses próprios atores, como discursos, propaganda, e a literatura produzida por seus ideólogos e teóricos.

Dentre o primeiro, há diversos pesquisadores pelo mundo que têm se destacado tanto por suas pesquisas a respeito da extrema-direita e direita radical como sobre a Rússia e sua história recente, por exemplo: a historiadora francesa Marlene Laruelle, professora do Institute for European, Russian and Eurasian Studies (IERES) da [George Washington University](https://www.georgewashington.edu/ieres), especialista particularmente na extrema-direita russa no período pós-soviético; o cientista político holandês Cas Mudde, especialista na ascensão da direita radical na Europa e nos EUA, além de outros especialistas nos dois temas. Além disso, a literatura vinda desses próprios atores também é relevante para a pesquisa do objeto, a exemplo dos escritos do filósofo russo Alexandr Dugin, suposto teórico de Putin, cujas ideias em defesa do nacionalismo, do tradicionalismo e de uma nova ordem multipolar constituem um importante aspecto ideológico a ser observado nessa relação, como também outros teóricos europeus ligados a esse tipo de corrente ideológica, como o francês Alain DeBenoist e outros. Por fim, discursos de líderes europeus de direita radical, como Viktor Orbán, Marine Le Pen, Geert Wilders, Nigel Farage, membros da AfD, do Vox etc., como também peças e veículos de propaganda promovidos pela Rússia, os quais contêm elementos que possam esclarecer elementos importantes de tal aproximação. Além disso, dentro deste âmbito, procurar também, na literatura acadêmica, pesquisas que tratem de casos de países específicos, como Hungria, França, Alemanha, ou Holanda, Polônia ou Itália, procurando entender as semelhanças e as diferenças entre casos de partidos e lideranças de cada país, além de analisar também os casos de países, como Itália e Polônia, onde a abordagem de sua extrema-direita com a Rússia é diferente em relação à maioria dos países.

Portanto, a problemática do presente trabalho é como as relações entre a Rússia de Vladimir Putin e partidos e grupos europeus de ultradireita se aproximam num contexto de crise do atual modelo hegemônico da democracia liberal, com a qual tanto a ultradireita europeia como a Rússia de Putin nutrem desconfiança ou até desprezo e, nesse sentido, trabalham em conjunto neste contexto contemporâneo, tendo objetivos parecidos.

Essas relações serão investigadas em três etapas: primeiro, analisando-se as razões por trás do alinhamento entre a Rússia putinista e os atores da ultradireita europeia (esta que, também, será conceitualmente definida), identificando tanto as afinidades ideológicas como os interesses políticos estratégicos que estes dois grupos de atores têm em comum: a desconfiança em relação ao regime da democracia liberal contemporânea, na visão deles, promovido pela hegemonia global norte-americana e as atuais elites políticas e econômicas ocidentais, contra as quais se revoltam num fenômeno populista. Depois, os métodos russos de se conseguir adesão das parcelas das populações alinhadas com os projetos políticos da ultradireita e, por fim, as estratégias utilizadas para promover subversão e desestabilização em países liberal-democráticos, no caso, França e Alemanha.

Capítulo 1 – Por que a Rússia?

As duas últimas décadas têm visto, no cenário político europeu (e global), a ascensão de um novo ator, o qual tem desafiado o status quo das democracias liberais: os partidos de direita radical nacional-populista: Viktor Orbán, primeiro-ministro húngaro, Marine Le Pen, na França; na Itália, Matteo Salvini e sua LEGA e a atual premiê, Georgia Meloni, dos Irmãos Italianos; Geert Wilders e o Partido pela Liberdade, na Holanda; na Espanha, o VOX; o ex-premiê austríaco, Sebastian Kurz, do Partido Popular da Áustria; o partido Alternativa pela Alemanha, e o processo do Brexit em 2016, além de outros atores semelhantes mundo afora, como o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, do Partido do Povo Indiano, o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro e, talvez a principal liderança de tal setor, o norte-americano Donald Trump, ex-presidente e atual candidato a novo mandato.

Paralelamente, a ascensão desse novo ator político tem sido concomitante a outro fator geopolítico: a ascensão da Rússia novamente a um ator de relevância no cenário da política internacional, sob a liderança dura de Vladimir Putin, após os anos de decadência com o fim da Guerra Fria e o fim da União Soviética. Isso tem sido simbolizado, principalmente, com as intervenções militares de Putin em antigas esferas de influência soviéticas, como a Geórgia, em 2008 e, principalmente, a Ucrânia, com a intervenção na Criméia em 2014 e a invasão do país em fevereiro de 2022, dando início à guerra que dura até hoje, acontecimento que sacudiu o cenário político internacional, desafiando, concretamente, a *pax americana* que se consolida com a vitória americana na Guerra Fria, e ameaçando a hegemonia unipolar americana, (juntamente com outros fatores, como a ascensão da China).

Nesse sentido, não é de se surpreender que haja uma aproximação importante entre a Rússia de Putin e esses partidos de direita populistas emergentes na Europa, tendo ambos os atores interesses muitas vezes convergentes, os quais podem se dar nos campos tanto político como também ideológico.

Importante, contudo, é mencionar a distinção que Cas Mudde faz entre a direita radical populista e a extrema-direita:

Today, populist radical right parties share a core ideology that combines (at least) three features: nativism, authoritarianism, and populism. While individual parties might have additional core features, such as anti-Semitism or welfare chauvinism, all members of the party family share these three features and in the case of all parties these three features constitute (part of) their ideological core. This is not to say that different parties will not express their ideology in different ways, for example by attacking different elites and minorities or holding dissimilar opinions on the death penalty.

Importantly, it is the combination of all three ideological features that makes a party populist radical right. Unlike the extreme right of the 1930s, the populist radical right is democratic, in that it accepts popular sovereignty and majority rule. It also tends to accept the rules of parliamentary democracy; in most cases it prefers a stronger executive, though few parties support a toothless legislature. Tensions exist between the populist radical right and liberal democracy, in particular arising from the constitutional protection of minorities (ethnic, political, religious). The populist radical right is in essence monist, seeing the people as ethnically and morally homogeneous, and considering pluralism as undermining the (homogeneous) “will of the people” and protecting “special interests” (i.e. minority rights) (MUDDE, 2016, p. 296).

Ou seja, a direita radical populista, ao mesmo tempo em que crê na necessidade de uma nação cultural e etnicamente homogênea (daí a oposição à imigração, uma das principais pautas de tais partidos atualmente, se não a principal) e na forte intervenção do Estado na sociedade, se utiliza do próprio jogo parlamentar para fazer valer suas crenças e pautas, a extrema-direita é politicamente marginal por essência, acreditando apenas na derrubada da democracia liberal em si mesma. É isso, então, que distingue partidos como Fidesz (Hungria), Vox (Espanha), AfD (Alemanha), RN (França), CHEGA (Portugal), PVV (Holanda) e Reform UK de partidos menores e mais concretamente ligados ao nazifascismo, tais como o Jobbik (Hungria), o Partido Nacional Britânico de Nick Griffin, Forza Nuova e Bandeira Tricolor (Itália), Aurora Dourada (Grécia), o Partido Nacional-Democrata Alemão (o próprio sucessor do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães) e

grupos neofalangistas na Espanha; a maioria destes partidos de extrema-direita, em âmbito europeu, encontra-se reunida no partido Aliança por Paz e Liberdade, fundado em 2015. Contudo, apesar das diferenças políticas, tanto os partidos de extrema-direita quanto os da direita radical-populista possuem laços com a Rússia putinista.

Colocado isso, então, é importante investigar em que medidas se dão essas aproximações de interesse entre a Rússia de Putin e tais atores de direita.

Segundo Alina Polyakova, politicamente, a principal convergência entre a direita radical e a Rússia putinista é a respeito da União Europeia: visando o enfraquecimento desta, é do interesse de Putin o fortalecimento desses atores, os quais tem a rejeição ou a desconfiança quanto à centralização política de Bruxelas uma das bandeiras primárias; não à toa, uma das principais vitórias desse círculo na última década foi a saída do Reino Unido do bloco após referendo em 2016, com campanha liderada por Nigel Farage, então do *United Kingdom Independence Party*, fundado com tal intuito. Marine Le Pen, em sua campanha de 2017, afirmou que iria propor o mesmo na França; em 2022, apesar de não repetir a proposta, deixou clara a necessidade de prevalência da lei nacional francesa sobre a europeia; a AfD, o Vox e outros partidos dessa linha têm igualmente criticado o que entendem como um excesso de poder da União Europeia, argumentando que a soberania nacional está acima de Bruxelas.

Viktor Orbán já teve, em sua época de opositor, uma postura mais pró-Occidente e bastante crítica ao presidente russo. Contudo, tal postura foi se alterando radicalmente, bem como a retórica de Orbán, que tem sido mais combativa em relação às elites ocidentais. O primeiro-ministro húngaro tem sido um dos mais importantes líderes europeus no apoio à empreitada geopolítica de Putin. O chefe de governo húngaro, por exemplo, em 2023 tentou bloquear a entrada da Suécia e da Finlândia na OTAN (depois revertido devido à pressão europeia), prejudicando a expansão da aliança militar ocidental, cujas tensões com a Rússia têm aumentado desde 2022. O governo húngaro tem sido um dos grandes opositores das sanções à Rússia, como o fizeram em relação aos pacotes elaborados logo após a invasão da Ucrânia; isso tem acontecido, na verdade, desde 2014, época da intervenção russa na Crimeia. Viktor Orbán, de fato, tem aumentado as relações econômicas entre

Rússia e Hungria desde o ano em questão, mais especificamente, quanto ao gás natural.

Orbán tem sido um dos principais expoentes ideológicos da direita radical europeia, constituindo, talvez, sua principal liderança, devido às suas políticas nacionalistas (com fechamento das fronteiras húngaras para imigração) e conservadoras no âmbito moral, no que coaduna com o “putinismo”. O líder húngaro, de fato, tem sido talvez o principal expoente daquilo que ele próprio caracterizou como “democracia iliberal”, liderando pleitos eleitorais de maneira populista enquanto desdenha de direitos liberais. Não à toa, além de sua aproximação com Putin e embates com a OTAN e União Europeia, Orbán também tem levado a aproximações da Hungria com a China, cujo regime afirma ter tomado como inspiração para o seu “iliberalismo”. Em julho de 2024, o premiê realizou uma visita a Xi Jinping em Pequim, e elogiou um plano chinês de paz entre Rússia e Ucrânia.

Isso se alinha ao projeto estratégico de Vladimir Putin, que visa se apresentar como uma alternativa à hegemonia ocidental, representada, justamente, por EUA, União Europeia e a OTAN no âmbito militar. Nesse sentido, portanto, é interessante o enfraquecimento e fragmentação do bloco europeu. Segundo Polyakova,

In its foreign policy, particularly in Ukraine and more recently in Syria, Russia under Putin has aimed to position itself as a mediator of peace, a protector of vulnerable peoples, and the arbiter of stability in contrast to Western interventionism. In Ukraine, the now well-known Russian media narrative framed the Euromaidan Revolution as a fascist coup supported by Europe and the United States. Russia’s “annexation” of Crimea, an act that Russian officials first denied and Putin later boasted about in a government-produced documentary (Crimea: The Way Back Home), won Putin an increase in popularity, because, according to the official narrative, Russia (and Putin specifically) stepped in to “save” Crimea from Western-supported fascists (POLYAKOVA, 2015, p.6).

Ela destaca também a forte retórica anti-ocidental presente dentro da própria Rússia:

Since 2012, anti-Western rhetoric has become more prominent in Russian officials’ public statements as Russia seeks to assert itself as the leader of the “anti-Western” world. Putin’s hard anti-Western turn in 2012 followed on the heels of the 2011 Bolotnaya protests.

The demonstrations, held in response to election fraud, brought, by some estimates, over 100,000 Russians out to demand free elections and an end to corruption. The protests were contained using mass arrests, but Putin, still prime minister at the time, seems to have learned a lesson. When he entered his third term in 2012, Putin reversed Dmitriy Medvedev's mild reforms, such as the election of regional governors, set about repressing the independent news media, arrested opposition leaders, and condoned murders such as that of Boris Nemtsov. Putin's repression of the domestic opposition paralleled the Russian state media's refocused attention on Cold War themes: Russia's greatness in defeating the Nazis in World War II was paired with an anti-liberalism that focused on the United States, with Europe a close second. But, as Stoner and McFaul note, while "the Kremlin propaganda machine portrayed the United States as an imperial, predatory state, which constantly undermined international stability and violated the sovereignty of other states," this stance was different from that employed during the Cold War. "Putin's regime added a new dimension to the ideological struggle—conservative Russia versus the liberal West. Russian state-controlled media asserted that Putin had nurtured the rebirth of a conservative, Orthodox Christian Society (p. 7)

Tal abordagem da política externa russa se aproxima da ideologia de uma das principais figuras intelectuais da extrema-direita atual, o escritor russo Alexandr Dugin, cujo pensamento mistura filosofia política e esoterismo. Fortemente influenciado por uma geopolítica russa de cunho eurasianista (vinculado ao centenário debate russo entre eurasianos e ocidentalistas), Dugin formulou o que chama de Quarta Teoria Política, que pretende superar o que considera as ideologias políticas modernas, hoje representadas, principalmente, pelo liberalismo vencedor da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, e simbolizado hoje pelos EUA e União Europeia. Nesse sentido, influenciado pela Escola Tradicionalista Perennialista esotérica, Dugin prevê o fim da hegemonia ocidental modernizante e sua substituição por uma nova ordem multipolar, onde cada civilização poderá preservar seu próprio terreno cultural tradicional, sem ataques da modernidade. Nesse sentido, o movimento expansionista de Putin, tal como visto na Ucrânia e outros países, também se encontra em consonância com o duginismo, visto que recupera o espaço civilizacional do Império Russo e da União Soviética (Dugin defende também a superioridade do modelo político imperial/civilizacional sobre o Estado-nação moderno).

A influência de Dugin sobre Putin é controversa, mas o filósofo possui bastante influência dentre a direita radical e a extrema-direita fora da Rússia

(debateu com Olavo de Carvalho, o guru de Jair Bolsonaro e, recentemente, foi entrevistado pelo jornalista norte-americano apoiador de Donald Trump, Tucker Carlson). Já participou de eventos da direita na Europa, por exemplo, como uma conferência em Viena em maio de 2014, na qual Marine Le Pen e sua sobrinha Marión-Marechal (hoje do partido de direita radical rival do RN, o *Reconquete*, juntamente com Eric Zemmour); sua rede de apoio à política russa se estende inclusive ao Brasil.

Importante frisar que tal oposição à União Europeia dentre a direita radical pode ser inserida em seu populismo, uma das três características fundamentais apontadas por Cas Mudde, alegando estes partidos representarem seus povos esquecidos pelas elites burocráticas de Bruxelas:

Populism, finally, is an ideology that considers society to be ultimately separated into two homogeneous and antagonistic groups, “the pure people” and “the corrupt elite”, and which argues that politics should be an expression of the *volonté générale* (general will) of the people. 7 Populist radical right politicians claim to be “the voice of the people” and accuse the established parties of being in cahoots with each other. For example, the FN would refer to the four mainstream parties (of left and right) as “the Gang of Four,” while the main slogan of the Flemish Bloc (now Flemish Interest, VB) was “One Against All, All Against One.” (MUDDE, 2016 p. 296).

Juntamente com a oposição política à influência da União Europeia, a outra convergência entre Putin e a direita radical europeia é a pauta ideológica do conservadorismo e do nativismo, mais especificamente, na oposição à imigração. O nativismo e o autoritarismo desses partidos, para citar as outras duas características, os levam a olhar com preocupação para mudanças culturais na sociedade, tanto no âmbito dos costumes, com o avanço de costumes sexuais e de gênero distintos daqueles tradicionais, e da crescente entrada de imigrantes provenientes, principalmente, do mundo islâmico. Contra tal cenário, tais partidos, em geral, tem se utilizado de uma retórica de defesa da sociedade cristã europeia e da família tradicional contra o “globalismo” e o que enxergam como decadência moral (no entanto, é importante frisar que tais partidos às vezes divergem entre si a respeito: o RN de Marine Le Pen e o PVV de Wilders, por exemplo, são mais abertos a questões feministas e LGBT’s que o governo de Viktor Orbán ou o Vox).

Isso se liga diretamente à propaganda russa, que se tem colocado um bastião da moralidade e do Cristianismo ortodoxo contra tanto a “degeneração” e a “imoralidade” ocidental quanto contra o jihadismo. Polyakova se refere a isso como uma ideologia “putinista”, que entra em contato com a agenda da direita radical da Europa:

In the Putinist doctrine, Europe’s tolerance and acceptance of LGBT rights is a symbol of the West’s cultural degradation. The Russian state media often uses European and U.S. expansion of legal rights to same-sex couples to paint a picture of a civilization in crisis, a Sodom and Gomorrah on the verge of collapse. In 2014, Vitaly Milonov, a conservative St. Petersburg politician who sponsored the local legislation that laid the groundwork for the federal anti-gay propaganda law, urged Russian media to boycott the European song contest Eurovision, because one of the contestants (and eventual winner) was a drag queen. He called the contest a “Sodom show,” and when gay marriage was legalized in the United States in 2015, Milonov threatened to block citizens from Facebook because of its influence in promoting gay rights. 22 In the renewed culture war between Western social liberalism and traditional conservatism, Europe’s far-right parties have stood with Putin. In 2013, representatives of Europe’s far-right parties, including BNP and Golden Dawn, traveled to Moscow to take part in a conference organized by a group called the Russian National Forum (see Appendix for a chronology of the far-right’s Russian connections). Together, Russian nationalists and the European far-right members discussed the challenges posed by pro-LGBT legislation in Europe to traditional values. UKIP, the more mainstream of the two British far-right parties, stated its opposition to same-sex marriage. As has Austria’s FPÖ. In 2012, taking notes from Russia’s anti-gay laws, Jobbik also proposed an amendment to ban “gay propaganda.” Social conservative values are used both by the far right and within the Putin doctrine to delineate who belongs in their national vision versus who does not, and to take up the anti-Western position. They succeed by tying moral values into a broader master frame that captures the public zeitgeist that the EU and the West are in cultural decline, that the European dream is an illusion, and that a strong anti-Western leader is needed to protect traditional values and institute stability (POLYAKOVA, 2015, p.8).

A política externa defendida e promovida pelos partidos da ultradireita da Europa refletem sua visão para a ordem internacional e a explicação para sua política de aproximação com a Rússia putinista (além de também outros atores, como veremos), bem como as diversas reações desses atores à Guerra da Ucrânia, iniciada por Vladimir Putin em fevereiro de 2022, com a invasão militar do país vizinho, que também foi um evento determinante para a aproximação ou afastamento de países e atores políticos em relação ao regime de Putin (muitos

atores da própria direita radical, como veremos, tinham relações com a Rússia, mas preferiram por se afastar depois do início da guerra).

Em boa parte, tal política externa está relacionada aos elementos ideológicos que aproximam tais partidos de Putin, como já foi visto acima. A política externa do atual regime russo é – aparentemente, pelo menos, - influenciada por uma ideia formulada por Alexander Dugin sobre o surgimento de uma nova ordem internacional multipolar, encerrando à atual unipolaridade liderada pelos EUA. Tendo como base seu relativismo cultural, Dugin se opõe aos impactos culturais gerados pela globalização, responsável por difundir o modo de vida norte-americano, o que, em sua visão, mina as bases espirituais e culturais das diversas civilizações globais (nesse aspecto específico, Dugin se aproxima de Samuel Huntington, ao enxergar o mundo dividido em vários espaços civilizacionais). Portanto, nesse sentido, a emergência de uma ordem multipolar fortalece civilizações não-ocidentais, como a China, a Índia, o mundo islâmico e, na visão de Dugin (e hoje, de Putin), a própria Rússia, que dessa forma, poderiam resistir às influências modernizantes e homogeneizadoras da globalização e da hegemonia americana.

Por conseguinte, Dugin se opõe ao imperialismo norte-americano e ocidental, apoiando os mais distintos atores que a isso se opuserem: não apenas a Rússia de Putin, mas a República Popular da China, a República Islâmica do Irã, a esquerda latino-americana, a causa palestina etc.

Toby Greene, a partir Varga e Buzógany, por um lado, e de De Cleen por outro, fala de dois tipos de distinção dentro da direita radical: na primeira, uma que chama de “nacional-conservadorismo” e o “conservadorismo” revolucionário, que diferem quanto às suas ênfases (nas questões morais ou na soberania)

‘Revolutionary conservatism’—the ‘esoteric, conspirationist and post-truth European New Right’ is deeply concerned with the ‘Great Replacement’ threat to ethnicity and identity. It is drawn to a Eurasian concept of civilisational identity which includes Russia and is anti-American. By contrast, ‘National Conservatism’—prevalent in the United States as well as Hungary and Poland—is concerned with the loss of moral bearings in the West due to liberalism's relativism. This trend is more Huntingtonian in its conception of Western civilisational identity and ‘perceives itself as defending “Western civilization” on both sides of the Atlantic’. (GREENE, 2022, p. 324).

Já a segunda distinção trata de duas correntes divergentes quanto ao antagonismo:

De Cleen (2017) and De Cleen and Stavrakakis (2017) distinguish between nationalism that articulates a horizontal ‘in/out ... opposition between the nation and its out-groups’ (i.e., other nations) and populism as a vertical ‘down/up antagonism’ in which ‘Populists claim to represent “the people” against a (some) illegitimate “elite”’, frequently within the national space (De Cleen, 2017, pp. 344–345). For De Cleen part of the significance of this distinction is that within radical right populist parties, it is a brand of radical right nationalism, rather than the populism, that is primarily accountable for exclusionary and xenophobic politics (DE CLEEN, 2017, p. 349).

Capítulo 2 – Estratégias de aceno

Obviamente, para que tal apoio possa ser efetivado, há a necessidade, por parte do Estado russo, de uma construção de uma imagem que torne tal relação possível com esses setores do cenário político europeu. Nesse sentido, o regime de Vladimir Putin se vale do que Keating e Kaczmarska chamam de “*softpower* conservador”: em vez de um exemplo de democracia liberal e políticas progressistas, a Rússia utiliza de uma estratégia oposta, visando o público contrário ou hostil a tal tipo de política. Assim, a Rússia – por meio de propaganda, por exemplo -, visa se apresentar como exemplo de uma sociedade conservadora, onde a religião, a família tradicional e os valores morais tradicionais seriam hegemônicos; em paralelo, a imagem de Putin como um líder forte e autoritário contribuiria como uma barreira à entrada de uma moralidade progressista dentro da Rússia.

Um exemplo disso, que viralizou à época, é o clipe de propaganda *Time to move to Russia*, lançado em julho de 2022, poucos meses depois do início da invasão da Ucrânia. Em inglês e encorajando estrangeiros a se mudar para o país, o vídeo visa mostrar a Rússia como um tipo de sociedade diferente das ocidentais, enfatizando aspectos como a economia, a cultura, como também a religiosidade cristã ortodoxa e a vida familiar tradicional.

As redes sociais – que no mundo atual, se tornaram, de certa forma, parte importante do jogo político – também são aproveitadas pelo Estado russo como ferramenta de construção de tal imagem, principalmente o *Twitter* (atual *X*), plataforma bastante utilizada por setores ligados ao espectro da ultradireita. No dia 25 de novembro de 2022, por exemplo, a página da embaixada russa no Canadá

realizou uma postagem em que se rejeita a bandeira LGBTQIA+, cuja legenda define a família apenas como a união entre um homem e uma mulher. Considerando que o Canadá, sob o governo progressista de Justin Trudeau desde 2016, tem visto um grande avanço desse tipo de pauta, é de se induzir que o *post* visava especificamente a setores conservadores da população canadense, demonstrando a Rússia putinista como um contraponto às políticas em seus países das quais não gostam. Mykola Polovy demonstra como, no contexto da Guerra da Ucrânia, a Rússia se aproveita da liberdade de expressão ocidental para lançar uma guerra digital de informação em favor próprio.

Outro caso dessa propaganda ideológica movida pela Rússia em favor de ideais identificados com atores da direita do espectro político – a religião, o patriotismo e os valores tradicionais – é a promoção de grupos dedicados à difusão desse tipo de posição, como o Fórum Mundial das Famílias, fundado em parceria de ativistas cristãos conservadores americanos e membros da Igreja Ortodoxa Russa, com participação desta instituição (STOECKL, 2020), a qual tem sido um dos braços do regime de Vladimir Putin.

Além da informação, o financiamento direto é outro meio que a Rússia encontra para promover sua influência entre atores de ultradireita dentro da Europa. Em março de 2024, a BBC apontou que um site apoiado pela Rússia, *Voice of Europe*, pertencente a um oligarca russo, é responsável tanto por difundir informações contrárias à Ucrânia, como também por apoio financeiro direto a políticos europeus em encontros na República Tcheca; apesar de não ter citado nomes, a reportagem diz que, dentre os beneficiados, havia políticos de países diversos, como Hungria, Alemanha, Bélgica, Holanda, França e Polônia (quase todos países nos quais a direita radical teve forte ascensão ao longo dos últimos anos).

Também é uma estratégia utilizada pela Rússia a aproximação pessoal de agentes com pessoas pertencentes a organizações de ultradireita. Por exemplo, em 2015, o Kremlin realizou um encontro com diversos partidos de extrema-direita de teor neofascista, tais como o Aurora Dourada (Grécia), Forza Nuova (Itália), o Partido Nacional Britânico e o Partido Nacional-Democrata (Alemanha).

Capítulo 3 – Efetivação das relações

Conceitos importantes para entender o modo de ação russa para angariar apoio dentre os círculos e partidos da ultradireita na Europa incluem aqueles chamados de “interferência híbrida” e de “diplomacia clandestina”, conceitos estes estudados por Alicia Beck para entender as relações entre a Rússia putinista e a ultradireita da Europa.

Mikael Wigell, criador do conceito de “interferência híbrida”, o define como o uso sincronizado de meios não-militares de interferência, visando dividir e enfraquecer determinadas sociedades, através de três principais estratégias: diplomacia clandestina, geoeconomia e desinformação (BECK, 2021, p. 34)

Um grande desafio, nesse sentido, é que democracias liberais acabam sendo alvos fáceis desse tipo de atividade:

In liberal democracies the state and with it the government shall be restrained by self-binding and constitutional mechanisms to set limits to state power. The relationship between society and state is determined by the rule of law, allowing for the protection of human rights and individual liberties. Being restrained from surveilling the society and preserving basic civil freedoms, democratic states have fewer possibilities to protect themselves against hybrid interference than authoritarian regimes do. Similarly, free, uncensored media provide fertile ground for hybrid interference. Besides facilitating the potential appearance of foreign media outlets distributing polarizing messages, freedom of expression may lead to the distribution of fake news, coordinated foreign disinformation campaigns, and conspiracy theories (BECK, 2021, p. 36).

Assim,

(...) hybrid interference is a relatively new concept implying that foreign actors can manipulate other countries' strategic interests via applying non-military instruments, namely clandestine diplomacy, geoeconomics and disinformation. France and Germany are particularly vulnerable to hybrid interference due to their liberal democratic values that includes state restraint, free media, pluralism and economic openness (p. 37)

Já a diplomacia clandestina, um dos meios pelos quais a interferência híbrida funciona, se refere a uma forma de diplomacia realizada fora do âmbito estatal tradicional - isto é, não entre dois grupos que lideram o ator estatal – com intuítos de subversão, trazendo instabilidade àquele país (p. 36). O objetivo da diplomacia clandestina, portanto, é

(...) to spread uncertainty, promote polarization within the political landscape, and weaken the support and credibility of the ruling government. One advantageous feature of clandestine diplomacy is its deniability resulting from the inclusion and participation of secret intelligence services. Clandestine diplomacy is often accompanied and reinforced by the deliberate dissemination of false information, referred to as disinformation (pp. 34, 35).

No caso aqui trabalhado, a RN e a AfD são exemplos de atuação da diplomacia clandestina russa nestes países europeus, por diversos exemplos. Alemanha e França são dois exemplos interessantes, devido às relações do Estado russo com estes dois: The tense relations with France's and Germany's ruling governments have resulted in aggravating circumstances for Russia to pursue its foreign policy interests. Following this development, Russia is urged to seek new political cooperation partners" (p. 36).

É nesse sentido, pela que já discutimos acima, que atores como a RN e a AfD aparecem como parceiros naturais para a política externa de Putin:

Given the ideological proximity and the willingness to steer the French and German political decision-making towards Russian interests, the AfD and the RN provide attractive cooperation partners for Russia. Both parties do not oppose Russia's aim of expanding its influence, polarize the French and German political environment, and adopt a critical stance towards EU and NATO. Hence, by cultivating these parties, Russian influence can be increased, and the country's values and ideas can be spread (p. 40).

Os benefícios dessa aproximação, contudo, são recíprocos, interessando também aos partidos da ultradireita:

However, the cooperation does not only benefit Russia. The AfD and the RN

also have reasons to seek a close alliance. As previously discussed, Germany's well-established parties consciously sideline the AfD. By traveling to Moscow, AfD politicians receive the political attention they are lacking in Germany allowing them to present themselves as statesmanlike. Russia offers the AfD a foreign policy stage that supports the party in attracting East German voters. Surveys conclude that positive perceptions of Russia and Putin are far more widespread in East than in West Germany. It also is in East Germany where the AfD receives most of its electoral support. In the East German states of Saxony, Brandenburg, Thuringia, as well as Saxony-Anhalt the AfD is the second strongest party in their respective state parliaments (p. 42).

O isolamento político vivido por tais partidos em seus países também é uma razão para a busca de apoio na Rússia:

Similar to the AfD, the RN is missing domestic cooperation partners. Jean-Marie Le Pen's repeated anti-Semitic and racist remarks have caused controversy and damaged the RN's reputation. Even though Jean-Marie Le Pen was excluded from the party in 2015 and despite the efforts of Marine Le Pen to rebrand the party and soften its image, the RN continues to face difficulties in building alliances with other parties. Domestic isolation is not limited to the party system but extends to banks. Fearing damage to their reputation, French banks refuse to finance the RN. Cooperation with Russia, which has a large media presence in France, appears to allow for a promotion of the RN agenda at no cost (p. 42).

O Reagrupamento Nacional francês, de Marine Le Pen, assim, é um dos principais atores do cenário político da ultradireita europeia cuja política externa recentemente defendida tem sido marcada pelas simpatias russas. O discurso de Le Pen também tem sido marcado pelo populismo, pelo intervencionismo econômico e pelo euroceticismo e a defesa da soberania nacional. Isso também tem gerado críticas do partido em relação à OTAN; de fato, antes da campanha presidencial de 2022, o manifesto de Marine Le Pen pedia pela saída da França do comando da OTAN e o fim da dependência militar dos EUA, além de confirmar a ideia de uma aliança com a Rússia de Putin. Gilles Ivaldi faz um paralelo entre as posições do partido e a política do presidente Charles De Gaulle:

In being opposed to explicit alignment with the United States, the current RN follows in the Gaullist tradition in France and opposes both NATO and the EU (Mielcarek, 2018). The party defends an alternative vision of the world, which postulates a complete break with the existing economic, political, institutional and geopolitical order, advocating, in particular, a new trilateral Paris–Berlin–Moscow alliance along with a pan-European association of sovereign states that would include Russia. During the 2022 election, Le Pen reaffirmed her intention to leave NATO's integrated military command while reiterating the commitment to Article 5 on collective defence. She also confirmed that she would refuse to place French troops under the command of any future independent EU Rapid Deployment Capacity (EU RDC) while forswearing French "subjection to an American protectorate" and calling for

“closer ties between NATO and Russia” to forestall a Sino–Russian alliance (IVALDI, 2022, pág. 144).

Assim, como De Gaulle, a RN vê os EUA e sua hegemonia com desconfianças, tanto sob o antigo líder, Jean-Marie Le Pen, como sob a atual, sua filha, Marine Le Pen. Segundo Balent (2011), tal anti-americanismo da ultradireita francesa teria relação com as ideias de outro expoente intelectual da ultradireita contemporânea: Alain deBenoist, fundador do movimento da *Nouvelle Droite* (“Nova Direita”); assim como Dugin, deBenoist defende o relativismo cultural (o qual designa em sua teoria como “etnopluralismo”) enquanto, ao mesmo tempo, critica a hegemonia liberal ocidental e o próprio capitalismo, que vê como ameaças às tradições culturais dos povos; é também defensor de pautas ambientalistas, e próximo à família Le Pen.

Assim sendo, dentro de tal visão isolacionista e populista, a Rússia é contrastada com os EUA, se apresentando como uma alternativa à “globalização neoliberal” (IVALDI, pág. 145). Le Pen, de fato, defendeu tal entendimento em um livro de 2012. Importante salientar que, diferentemente do caso da Hungria, a direita radical da França tem enfatizado mais o elemento do nacionalismo econômico e da soberania em identificação com a Rússia do que o elemento religioso e moral, uma vez que Marine Le Pen tem defendido políticas mais progressistas nesse âmbito específico (com exceção da imigração). Assim como Viktor Orbán, o partido tem culpado a OTAN e Kiev pela crise ucraniana. Ou seja, o afastamento, dentro dessa visão de tradição gaullista, seria algo a favorecer a própria soberania da França, que teria sido perdida com a hegemonia norte-americana:

This includes protecting native culture especially from Islamic immigration; affirming ‘patriotism’ and ‘sovereignty’ in opposition to globalisation and globalism; and asserting independent global power pursuing French interests. In a lengthy 2017 foreign policy speech, MLP envisioned France as a strong power pursuing its interests in a world of culturally distinct nation states, whilst lambasting the legacy of Western military interventions, and affirming the principles of ‘state sovereignty’ and ‘non-interference’. She promised to rebalance French international relations in a ‘multipolar world’ by withdrawing from US-dominated NATO command, building a ‘Europe of free nations’ in place of the German-dominated EU and advancing warmer relations with Russia (Le Pen, 2017). (GREENE, 2022, p. 1330).

Outro estudioso da ultradireita europeia, Jean Yves-Camus, aponta também, por sua vez, as aproximações ideológicas de tais setores do cenário político francês com a ideologia putinista, na qual se coaduna, também, com a visão duginista de um mundo multipolar: neste tipo de ideologia, uma aproximação com os EUA, de caráter “atlanticista”, a França estaria presa a um modelo liberal, moderno e secular; em vez disso, a França deveria representar a liderança de uma Europa tradicional e cristã, o que está de acordo com as visões de mundo de Dugin e Putin. Isso estaria de acordo até com falas do próprio general De Gaulle, que falava de uma “Europa do Atlântico aos Urais”, ou seja, em vez de uma civilização ocidental unida pelo oceano Atlântico Norte (Europa e América do Norte), uma civilização europeia que incluía a Rússia.

No caso do rival intra-ideológico de Marine Le Pen, Eric Zemmour, candidato em 2022 pelo partido *Reconquete*, tem-se visto um movimento mais parecido com o de outras lideranças europeias deste setor ideológico, tais como a premiê italiana Giorgia Meloni e o holandês Geert Wilders, de um antigo apoio ao líder russo ter dado lugar a críticas e apoio à Ucrânia após a invasão de 2022. Antes, contudo, Zemmour apresentava um tipo de visão parecido com o do partido dos Le Pen, ao defender aproximação com a Rússia putinista a partir de uma desconfiança gaullista em relação ao papel dos EUA; Zemmour chegou a dizer, por exemplo, que o desembarque da Normandia durante a Segunda Guerra Mundial teria sido, ao mesmo tempo, “uma libertação e uma colonização”, aqui incluindo também a crítica aos EUA do ponto de vista cultural. Contudo, as falas do candidato a esse respeito e alteraram após a agressão de Putin à soberania ucraniana.

A proximidade entre a RN (antigamente, Frente Nacional) e a Rússia, assim, é relativamente antiga; data já dos tempos quando o partido, sob o nome antigo, era liderado por Jean-Marie Le Pen (pai da atual líder e conhecido pelos comentários revisionistas do Holocausto) encontrava-se com a então principal figura da extrema-direita da Rússia, Vladimir Zhirinovsky, em 2012, enquanto Marine Le Pen realizou sua primeira visita a Vladimir Putin no ano eleitoral de 2017. As visitas políticas de figuras do partido, que é uma das formas de diplomacia clandestina, no entanto, vão além de Marine Le Pen e Vladimir Putin, podendo ocorrer entre outras figuras influentes tanto do partido quanto do Kremlin. A sobrinha de Marine (hoje rompida e integrante do partido de Éric Zemmour), Marión-Marechal, também já

realizou visitas a membros do governo Putin em Moscou. Outros membros frequentam eventos na Rússia (ligados ao governo) de cunho ideológico, promovendo a religião e os valores tradicionais.

Também são marcantes as ligações russas com a ultradireita da Alemanha, seja na direita radical liderada pela crescente *Alternative für Deutschland* (AfD), seja no já citado partido neonazista, o Partido Nacional-Democrata Alemão (NPD). Apesar de ter condenado a invasão num primeiro momento, um dos parlamentares da AfD, Matthias Moosdorf falou de russos étnicos perseguidos em territórios da Ucrânia e criticou as sanções, enquanto a líder, Alice Weidel, também criticou o Ocidente pela guerra e insistiu nas relações entre Alemanha e Rússia no que tange ao gás.

A AfD é um partido de caráter nacionalista, populista e antissistema, bastante no tema da restrição à imigração, defendendo o conceito de “remigração” (eufemismo para deportação), ao mesmo tempo em que é mais diversa em pautas econômicas e morais. No entanto, tais elementos mais importantes o colocam em conflito com o sistema hegemônico da ordem liberal, especialmente no caso da Alemanha, país em que, devido à memória do nazismo, a ultradireita é vista com mais desconfiança.

Um membro do partido na Saxônia, Maximilien Krah, é conhecido por sua defesa do regime chinês, citando, justamente, a questão da soberania nacional alemã, contra a qual apenas norte-americanos, mas não russos e chineses, constituiriam uma ameaça. Confirmando a proximidade da agremiação com tais regimes, um assistente de Krah de origem chinesa já chegou a ser preso acusado de espionagem para Pequim, assim já foram flagrados casos de membros do partido trabalhando para Moscou, para dar exemplos da profundidade de tais ligações.

Contudo, no caso da AfD, a questão do antiamericanismo é bem menos estridente do que no da RN francesa, e há poucas declarações de seus líderes no sentido de afastamento ou hostilidade quanto aos americanos, a não ser em alguns setores internos mais radicais (GREENE, 2022). Mas, de forma geral, boa parte de seus membros manifestam posicionamentos em temas internacionais a favor da Rússia (no caso do conflito com a Ucrânia) ou de aliados tradicionais do Kremlin,

como a Síria de Bashar al-Assad, rejeitando-se ideias de que haja uma política russa de expansionismo, responsabilizando a OTAN por instabilidades.

A AfD também tem as viagens como uma das formas de realização dessa diplomacia clandestina em suas relações com a Rússia putinista. Em 2015, por exemplo, foi uma das principais lideranças do partido, Beatrix von Storch, que foi a Moscou falar com Leonid Strutsky, chefe do comitê de relações exteriores da Duma (p. 45). Em 2018, membros do partido chegaram até mesmo a ir a eventos organizados pela Rússia na região ocupada da Crimeia.

Outra forma de diplomacia clandestina são as observações eleitorais. No caso, entre 2018 e 2020, membros tanto da RN como da AfD foram à Rússia com esse intuito, do qual se usam para realizar uma propaganda favorável a Moscou, demonstrando a justiça dessas eleições, se utilizando bastante, para tal, das mídias sociais.

Dito isso, no mundo contemporâneo, um dos principais meios das disputas políticas são, sem dúvida, as mídias sociais; certamente, representam o meio de diplomacia clandestina mais desafiador para as democracias liberais, assim como uma das principais ferramentas para disseminação de desinformação (como vimos, um dos meios pelos quais se realiza a interferência híbrida, juntamente com a diplomacia clandestina; de fato, ambas podem estar ligadas, muitas vezes). Como a autora coloca, “With the rise of social media, echo chambers allow for a fast distributin of disinformation potentially eroding public trust in political institutions and enhancing polarization (p. 35).

A Rússia, no caso, possui um órgão especial para trabalho com informações digitais: a Agência de Pesquisas na Internet (Maskow, 2020, p. 4), o qual, inclusive, foi investigado na operação Mueller, responsável por investigar possível interferência russa nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016. Pelo que foi descoberto na investigação, sobre o funcionamento da agência, pode-se notar o nível de sua sofisticação:

The manipulation detailed in the redacted report includes organization of grassroots political efforts, use of accounts masquerading as grass roots political efforts. The report indicates that the IRA accounts posed as anti-immigration groups, Tea Party activists, Black lives matter activists, LGBTQ groups, religious groups (evangelical or Muslim groups), as well as other political

activists. It also detailed the methods used and organization of personnel against these methods. Two IRA employees received visas and traveled to the United States in order to better understand the social, cultural, and political cultures. IRA employees operated accounts initially focused on Twitter, Facebook, and Youtube but eventually including Tumblr and Instagram accounts. It also details the purchase of advertisements. It details a separate bot network that amplified IRA inauthentic user content. It noted that celebrities, politicians, and news outlets quoted, retweeted, or otherwise spread IRA messaging (p. 4).

Segundo a investigação (p. 4), as operações da agência favoreciam o candidato Donald Trump, quadro republicano da ultradireita, contra a candidata do partido Democrata, Hillary Clinton.

A própria Comissão Europeia também detectou atividades desse tipo por parte da Rússia:

The European Commission warned, that “An orchestrated propaganda campaign by the Russian government has been extremely successful at spreading disinformation throughout the European Union”. The Kremlin is trying to regularly and continuously deliver the same disinformation stories in as many languages as possible, through as many channels as possible according to the EU Security Commissioner Julian King. In his opinion, the Russian-driven disinformation campaign is aimed at turning open democratic systems. The problem of online spread “fake News” became apparent in the context of the crisis in Ukraine and gained at a global visibility at a global level during the 2016 United States presidential election campaign (BEKOVÁ, 2018, p.1)

Países europeus, então, também são vítimas da atividade russa de subversão via redes sociais. Na própria Alemanha, a London School of Economics detectou (BECK, p. 52) sobre tentativa russa de intervir nas eleições alemãs de 2017, através de um de seus veículos mais conhecidos, a *Sputnik*, favorecendo, justamente, a AfD, além de (juntamente com outros veículos russos) constantemente entrevistarem pessoas de origem russa na Alemanha, habitantes principalmente da Alemanha Oriental, em grande número, eleitores da AfD. O Twitter – atual X – é outro meio de influência russa:

Furthermore, the American company BuzzFeed claimed that Russian hackers admitted their interference via Twitter bots in the 2017 elections. By tweeting and re-tweeting pro-AfD messages, political conversations should be focused on the populist party. Following BuzzFeed’s reveals, several studies confirmed the existence of a social bot network on Twitter and a disproportionately

large AfD-related Twitter traffic but concluded that the general impact generated by bots was small (BECK, 2021, p. 52).

Assim, como a Alemanha, a França também conta com meios de influência russa através da mídia:

Besides the expansion of large Russian media companies towards France, Russia aims at establishing cooperation with French media organizations. Smaller television broadcasters such as ProRussia.tv are part of this desired French-Russian cooperation. Under the Direction of FN politician Gilles Arnaud and with the financial support of Russia, ProRussia.tv was active between 2012 and 2014 prior to the launching of a French RT version. The company's logo featured the bear of the United Russia Party clearly demonstrating a pro-Russian attitude (p. 54)

É claro, portanto, o partido na França beneficiado pela atividade russa:

In March 2017, Sputnik headlined that Marine Le Pen is still in front for the first election round contradicting mainstream French media that placed Macron in the first place.

Apart from media attacks, Macron was subject to numerous cyberattacks. Two days before the final round of the elections, email messages and files about Macron were leaked and distributed on the website Pastebin. The published documents contained misleading information triggering fanciful rumours. Even though France has not officially attributed responsibility for the cyberattacks, investigative journalists claimed that the perpetrators were linked to pro-Russian interests (p. 54).

Conclusão

Pudemos ver com a presente pesquisa que tanto a Rússia de Vladimir Putin (com suas ideológicas específicas, que, em parte, são ligadas à política externa) como a ultradireita europeia apresentam objetivos políticos similares num contexto histórico contemporâneo de crise da hegemonia ocidental e da democracia liberal. Nesse sentido, os dois grupos de atores possuem visões de mundo pautadas por valores contrários aos do liberalismo, o qual enxergam como um elemento propagador de aspectos negativos, corroendo a identidade nacional e os valores tradicionais. Nesse sentido, atores da ultradireita da Europa veem inspiração no regime autoritário de Putin, o qual se apresenta como defensor dessas instituições e costumes que seriam prejudicados pelo liberalismo e pela globalização, um projeto que inspira alguns desses atores, seja pelo conservadorismo, seja pela questão da soberania nacional e da multipolaridade.

Dessa forma, portanto, entende-se a razão pela qual estes dois grupos de atores trabalham em conjunto para enfraquecer os sistemas políticos atualmente vigentes, com a Rússia putinista oferecendo métodos de subversão ao apoiar os partidos da ultradireita, dividindo e enfraquecendo as democracias liberais europeias.

Referências bibliográficas

- **ARRIDU, Veronica; MOLIS, Arūnas.** Alliance between Putin and European Far-Right: Where Does the Convergence of Interests Lead? *Lithuanian Annual Strategic Review*, Vilnius, v. 17, n. 1, p. 157–175, 2019.
- **BACKMAN, Jussi.** Radical conservatism and the Heideggerian right: Heidegger, de Benoist, Dugin. *Frontiers in Political Science*, v. 4, 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpos.2022.941799/full>.
- **BECK, Alicia.** **Clandestine diplomacy in France and Germany: Russia's and China's support for radical right-wing parties.** *Centre International de Formation Européenne School of Government*, [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: https://www.ie-ei.eu/Ressources/FCK/image/Theses/2021/GEGPA-Thesis_Beck.pdf. Acesso em: 29 nov. 2024.
- **BELTON, Catherine; MEKHENNET, Souad.** Russia co-opts far-right politicians in Europe with cash, officials say. *The Washington Post*, Washington, 3 jun. 2024. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2024/06/03/russia-europe-far-right-espionage/>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- **BENSMANN, Marcus.** Alternative for Russia: How the AfD is systematically turning towards Russia. *Correctiv.org*, 19 out. 2023. Disponível em: <https://correctiv.org/en/latest-stories/2023/10/19/alternative-for-russia-how-the-afd-is-systematically-turning-towards-russia/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **COAKLEY, Amanda.** Why Does Viktor Orban Love the Kremlin So Much? *Foreign Policy*, 3 ago. 2022. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2022/08/03/hungary-orban-russia-conservative-politics/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **CRUX.** Russia's Video Urging People To Move There Features A Ukrainian Model, Mocks West's Sanctions. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/CV9bCXIwFTc>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **FAR RIGHT'S TIES TO RUSSIA SOW RISING ALARM IN GERMANY.** *The New York Times*, 15 abr. 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/04/15/world/europe/germany-afd-russia.html>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **FINANCIAL TIMES.** Putin propaganda just took na exceptionally strange turn. *Financial Times*. Disponível em: <https://www.ft.com/content/20bb2c00-0710-4ac1-baf4-b667c1da904e>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **GAIS, Hannah.** How Putin is making Greece's Nazi problem worse. *Greek American News Agency*. Disponível em: <https://archive.greekamericannewsagency.com/2015/03/29/how-putin-is-making-greece-s-nazi-problem-worse/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **GREENE, Toby.** Natural allies? Varieties of attitudes towards the United States and Russia within the French and German radical right. *Nations and Nationalism*, v. 29, n. 4, p. 1321–1337, 2023. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/nana.12957>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **HASKI, Pierre.** A far-right surge in Europe could mean the end of Russia sanctions. *MSN*. Disponível em: <https://www.msn.com/en-us/news/world/a-far-right-surge-in-europe-could-mean-the-end-of-russia-sanctions/ar-BB1oReae>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **HITAGARA.** Vladimir Putin Speech on September 30, 2022 [English hardsubs]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w6s98dFpqpc>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **HULL, George.** Epistemic ethnonationalism: identity policing in neo-Traditionalism and Decoloniality theory. *Acta Academica*, v. 54, n. 3, 2022. Disponível em:

https://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2415-04792022000300007. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **HUNGARY'S DUBIOUS LOYALTY: Orbán's regime strategy in the Russia-Ukraine War.** In: *Russia's Imperial Endeavor and Its Geopolitical Consequences: The Russia-Ukraine War*. v. 2. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.7829/jj.3985460.15>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- HUNGARY–US arms deal halted as Orban blocks Sweden's NATO membership. *Euronews*. Disponível em: <https://www.euronews.com/2023/06/15/hungaryus-arms-deal-halted-as-orban-blocks-swedens-nato-membership>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **IRISH, John.** European election: How the EU says Russia is spreading disinformation. *Reuters*. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/european-election-how-eu-says-russia-is-spreading-disinformation-2024-06-03/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **IVALDI, Gilles; ZANKINA, Emilia.** The impact of the Russia–Ukraine War on right-wing populism in Europe. 2023. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-04024156/document>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **CHASTAND, Jean-Baptiste; GUILLOU, Clément; WIEDER, Thomas.** Putin's allies in the European Parliament rally around Le Pen's party. *Le Monde.fr*. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/politics/article/2024/03/01/putin-s-allies-in-the-european-parliament-rally-around-le-pen-s-party_6576763_5.html. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **KAZMIN, Amy.** Russia unleashes war propaganda offensive in Italy. *The Irish Times*. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/world/europe/2024/02/27/russia-unleashes-war-propaganda-offensive-in-italy/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- LARUELLE, Marlene. **Aleksandr Dugin: A Russian Version of European Radical Right?**. *Woodrow Wilson International Center for Scholars*.. Acesso em: 29 nov. 2024

- LARUELLE, Marlene. Making Sense of Russia's Illiberalism. *Journal of Democracy*, v. 31, n. 3, p. 115–129, 2020. Acesso em: 29 nov. 2024

- LARUELLE, Marlene. Russia's bedfellowing policy and the European far right. *Russian Analytical Digest*, n. 167, 6 maio 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/12542241/_Russia_s_Bedfellowing_Policy_and_the_European_Far_Right_Russian_Analytical_Digest_no_167_May_6_2015. Acesso em: 29 nov. 2024.

- LEMKE, Christiane. Right-wing populism and international issues. *German Politics and Society*, v. 38, n. 2, p. 90–108, 2020. Disponível em: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/gps/38/2/gps380204.xml>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- BENKOVÁ, Livia. The Rise of Russian Disinformation in Europe. *AIES Fokus 2018-03*. [s.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: https://www.aies.at/download/2018/AIES-Fokus_2018-03.pdf. Acesso em: 29 nov. 2024.

- BAUMGÄRTNER, Maik; BECKER, Markus; DIEHL, Jörg. **The Alternative Against Germany: How the AfD Became the Long Arm of Russia and China**. Spiegel.de. Disponível em: <https://www.spiegel.de/international/germany/afd-spionageaffaere-russland-und-china-im-fokus-neue-enthuellungen-belasten-die-partei-1714480876-a-a1c05e64-b6bc-4c6b-844e-a78a32ec4f91>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- MAYER, Rodrigo. **A extrema direita hoje de Cass Mudde: um guia para compreender o radicalismo de direita**. *Cadernos PROLAM/USP*, v. 22, n. 47, p. 288–295, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/212566>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- MUDDE, Cas. "Populist Radical Right Parties in Europe Today." In: *Transformations of Populism in Europe and the Americas: History and Recent Tendencies*. London: Bloomsbury Academic, 2016. p. 295–307. *Bloomsbury*

Collections. Disponível em: <https://www.bloomsburycollections.com>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- MULHALL, Joe. **The Far Right In The European Elections: An Interview With Professor Cas Mudde – HOPE not hate**. *HOPE not hate*. Disponível em: <https://hopenothate.org.uk/2024/06/04/the-far-right-in-the-european-elections-an-interview-with-professor-cas-mudde/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- OLSEN, Jonathan. **The Left Party and the AfD**. *German Politics and Society*, v. 36, n. 1, p. 70–83, 2018. Disponível em: <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/gps/36/1/gps360104.xml>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- POLOVY, Mykola. **Exploitation of the right to freedom of expression for promoting pro-Russian propaganda in hybrid war**. *Ceeol.com*. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/viewpdf?id=1015760>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- POLYAKOVA, Alina; ATLANTIC COUNCIL, Washington. **Putinism and the European Far Right**. [s.l.: s.n.], 2015. Disponível em: https://imrussia.org/images/stories/Russia_and_the_World/Putin-Far-Right/alina-polyakova_putinism-european-far-right.pdf. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **Professor de história da USP explica a importância de Alexander Dugin para a Rússia**. *GI*. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/globonews-internacional/video/professor-de-historia-da-usp-explica-a-importancia-de-alexander-dugin-para-a-russia-10868671.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **REUTERS. Putin and Orban reaffirm Russian-Hungarian ties amid international strains**. *Reuters*. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russias-putin-holds-talks-with-hungarys-orban-china-2023-10-17/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- ALKOUSAA, Riham; RINKE, Andreas. **Germany's AfD asks its lawmaker to “clarify” Russian cash report**. *Reuters*. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/germanys-afd-asks-its-lawmaker-clarify-russian-cash-report-2024-04-03/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- ROBERTS, Hannah; LEMIRE, Jonathan; STOKOLS, Eli. **Putin can't count on his friends in Italy anymore**. *POLITICO*. Disponível em:

<https://www.politico.eu/article/vladimir-putin-giorgia-meloni-relationship-russia-italy-not-friends/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- SEIBT, Sébastien. **Has Germany's far-right AfD become a gateway for Chinese and Russian spies?** *France* 24. Disponível em: <https://www.france24.com/en/europe/20240426-has-germany-s-far-right-afd-become-a-gateway-for-chinese-and-russian-spies>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- STOECKL, Kristina. **The rise of the Russian Christian Right: the case of the World Congress of Families.** *Religion, State & Society*, v. 48, n. 4, p. 223–238, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/09637494.2020.1796172?needAccess=true>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **The German far-right's digital push: Analysing the AfD's campaign in Saxony and Thuringia.** *ISD*. Disponível em: https://www.isdglobal.org/digital_dispatches/the-german-far-rights-digital-push-analysing-the-afds-campaign-in-saxony-and-thuringia/. Acesso em: 29 nov. 2024.

- THE WEEK STAFF. **Why Italy's far-right government is divided over Putin.** *The Week*. Disponível em: <https://theweek.com/news/world-news/europe/958319/why-italys-far-right-government-is-divided-over-putin>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE.** Exporting Pro-Kremlin Disinformation: The Case of Nova Resistência in Brazil. *United States Department of State*. Disponível em: <https://www.state.gov/gec-special-report-exporting-pro-kremlin-disinformation-the-case-of-nova-resistencia-in-brazil/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **VIKTOR Orban's illiberal world.** *Financial Times*. Disponível em: <https://www.ft.com/content/bbdb6b6f-c12a-3b38-95d2-0244260ce753>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **Victorious Meloni Faces Early Test of Italy's Resolve on Russia.** *The New York Times*, 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/09/26/world/europe/meloni-italy-russia-ukraine.html>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- VOCK, Ido. **Russian network that “paid European politicians” busted, authorities claim.** *BBC.com*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-68685604>. Acesso em: 29 nov. 2024.

- **With Friends Like These: The Kremlin’s Far-Right and Populist Connections in Italy and Austria.** *Carnegie Endowment for International Peace*. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/research/2020/02/with-friends-like-these-the-kremlins-far-right-and-populist-connections-in-italy-and-austria?lang=en>. Acesso em: 29 nov. 2024.